

Homossexualidade na Bíblia Hebraica ou uma Historiografia Bicha?¹

Fernando Cândido da Silva²

Resumo: O artigo avalia três diferentes abordagens ao tema da homossexualidade na Bíblia Hebraica e seu contexto vétero-oriental. As duas primeiras, opostas em termos de objetivos, trabalham dentro de um mesmo paradigma: a homossexualidade é simplesmente um dado que necessita de revisão bíblica. Seja na neutralidade, seja na apologia, a Bíblia surge como um campo de batalha decisivo para a contemporaneidade. É desta constatação que se verifica um terceiro modelo de análise, distinto em termos de objetivo e paradigma. O tema da homossexualidade é encarado como um problema essencialmente historiográfico e não documental. Desde aqui, novas aproximações – como a desmantelamento da heteronormatividade – serão priorizadas.

Palavras-chave: homossexualidade; Bíblia Hebraica; historiografia.

Homosexuality in Hebrew Bible or Queer Historiography?

Abstract: The article evaluates three different approaches to the issue of homosexuality in the Hebrew Bible and its Ancient Near Eastern context. The first two, opposites in terms of objectives, work within the same paradigm: homosexuality is simply a fact that requires biblical revision. For both, neutrality and apology, Bible is a decisive battlefield for the contemporary issue. From this evaluation emerges a third type of analysis, distinct in terms of purpose and paradigm. The theme of homosexuality is seen primarily as a historiographical problem, not as a source one. From here, new approaches – like dismantle of heteronormativity – will be prioritized.

Keywords: homosexuality; Hebrew Bible; historiography.

“Não se interpreta o que há no significado, mas, no fundo, quem colocou a interpretação. O princípio da interpretação nada mais é do que o intérprete” (FOUCAULT, 2000, p.49).

AQUENDA!

Gostaria de iniciar esta reflexão citando o grande medievalista Marc Bloch: “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão se esgotar em compreender o passado se nada se sabe do presente” (2001, p.65). Essa premissa, diria teórica da historiografia, parece-me fundamental para

¹ O artigo preserva o sabor oral da palestra proferida em 19 de outubro de 2010, por ocasião do “VI Ciclo e Palestras e I Jornada de História Antiga – A História em Movimento: cultura e poder na Antiguidade e no Tempo Presente” realizado pelo curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (campus de Três Lagoas).

² Prof. Dr em História, Unesp/Assis.

aquelas que desejam estudar o tema da homossexualidade na Bíblia Hebraica. Efetivamente, investigar a homossexualidade na Antiguidade vétero-oriental e bíblica se funda exatamente nessa compreensão ininterrupta do passado com o presente.

Não me parece que até algum tempo atrás, historiadores estivessem ocupados com tal tema de investigação. E isso não pode ser explicado pelo silêncio da documentação. Isso só pode ser entendido à luz das agendas políticas contemporâneas. A emergência de novos movimentos sociais – como o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros – no mundo atual é que possibilita uma revisão de nosso temário. Era uma vez uma historiografia que se ocupava de reis, impérios, atos militares, em suma, que escrevia história dos poderosos. Isso não era mero acaso. Temos nessa historiografia ultrapassada (*pero no mucho!*) localizações sociais bastante evidentes. Não podemos mais, portanto, ler sem suspeita essa historiografia, ou melhor, qualquer historiografia. O historiador não é, afinal, de carne e osso? Evidentemente, ao dizer isso, levo a premissa de Bloch ao seu limite. Não quero apenas um vago “conhecer o presente” e “compreender o passado”, uma vez que todos e todas estão posicionados ideologicamente. Daí histórias de reis ou, quem sabe, até história de gays!

Dito isso, é preciso ainda reconhecer – particularmente quanto à homossexualidade – o caráter perigoso, não necessariamente ruim, de uma potencialidade apologética (FOUCAULT, 1997, p.256). Ou em outros termos, até que ponto é ainda útil indagar-nos: “o que a Bíblia diz sobre a homossexualidade?” (HELMINIÁK, 1998). Ao mesmo tempo, confesso que não tenho traumas. Não preciso me esconder no armário da neutralidade científica. São dois extremos, portanto que gostaria de evitar: a apologia e a neutralidade. Ambas são, por assim dizer, “perigosas”. Isso por que, seja uma ou outra abordagem, há sempre duas premissas básicas extremamente problemáticas: 1) o tema da homossexualidade como dado e 2) a Bíblia como lugar do debate.

O primeiro problema – de ordem teórica eu diria – está muito claro na minha cabeça. Porque devemos gastar energia intelectual em um empreendimento como esse: “o que a Bíblia diz sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo?” Quero dizer: quem ou o que impõe esse tema? Um outro conhecimento do presente é urgente. Todos nós somos moldados – desde a infância – pela maligna heteronormatividade ou aquela velha história “segura sua cabrita que meu bode está solto”. Ou aquela pergunta: “cadê sua namoradinha, Fernando?”. Ou quem sabe aquela propaganda de margarina em que a família heterossexual branca burguesa consome o produto sorridente? Verdadeiramente, em todas essas situações, a heterossexualidade funciona como matriz de pensamento.

Vejam bem: não estou falando propriamente da heterossexualidade. Não há problema algum nessa forma de sexualidade. O problema está em sua imposição diária como o único caminho a ser percorrido pelos sujeitos, tal como um dado, uma verdade, uma naturalidade. A questão, então, é a “heterossexualidade compulsória” (RICH, 1980). A pergunta sobre a homossexualidade é, nesse contexto pedagógico diário, um efeito da heterossexualidade normalizada e normalizante. Não fosse assim, deveríamos igualmente indagar: “o que a Bíblia diz sobre heterossexualidade?”. Mas isso poucos parecem querer saber. Então, estamos sempre atentos ao desvio e não à norma. Pergunto-me, entretanto: desconstruir a norma não seria a principal forma de acabar com o que se entende por desvio? Como realizar uma tal tarefa?

O outro ponto está mais relacionado com a metodologia empregada: aquela tensão entre passado e presente no ofício do historiador. Em toda a problemática da vida contemporânea, a Bíblia não deveria representar “A” solução. Nesse sentido é que suspeito das tendências apologéticas. Vejo aqui um sério risco para a luta contra a heteronormatividade ou, em outros termos, dependo mesmo da avaliação bíblica para viver meu corpo e sexualidade? Não vou usar a Bíblia como arma no debate com fundamentalistas, afinal isso me tornaria um deles. Então, fazer da Bíblia um campo de batalha é algo perigoso porque retira a autoridade de nossas escolhas corporais e as aloca no texto tido como sagrado normativo.

Por outro lado, também devo reconhecer a ineficácia da neutralidade ou, em outros termos, da pura masturbação historiográfica. Negar o papel de um texto como a Bíblia em todas essas questões contemporâneas é, na melhor das hipóteses, ingenuidade. Será possível ainda ‘buscarmos um passado como realmente aconteceu’? Todos nós, certamente, já ultrapassamos essa máxima rankiana. Então porque ainda insistimos na neutralidade e no passado pelo passado? *Aquenda*: é preciso empreender a historiografia proposta por Bloch no seu limite. Não podemos mais nos contentar em dizer que as opções de pesquisa nascem no presente. Até porque, o presente não é garantia de uma boa abordagem. Se um historiador se nega a “sujar” as mãos em seu cotidiano, ao ouvir os corpos rebeldes, ele no máximo poderá levar um tema normativo para seus documentos históricos.

Com tudo isso em mente, prefiro deixar de lado o tema da “homossexualidade na Bíblia Hebraica”. Se escrevesse um artigo assim, poderia tão somente fazer o jogo da heteronormatividade, reinscrevendo-a tanto na neutralidade quanto na apologia. Além do

mais, ainda estaria comprando facilmente o fosso entre nós e eles, entre o presente e o passado e, sobretudo, alocando a autoridade em um texto e não em meu corpo.

Permitam-me preferir, assim, um outro ensaio: uma historiografia bicha. Essa mudança de título está baseada em uma perspectiva diferente da teoria e da metodologia brevemente discutida acima. Ao falar em “historiografia”, não aponto para um tema específico a ser abordado, mas para o processo da escrita histórica por si. Portanto, ofereço-vos um ‘sair do armário’ do historiador e sua escrita. Verdadeiramente, o problema não está no tema e nos documentos. Antes, está no processo da escrita que envolve (i) o historiador, (ii) a contemporaneidade e a (iii) documentação bíblica. Daí eu qualificar essa historiografia de “bicha”. Aqui, vocês podem entender que o historiador é a bicha, mas também que o próprio processo de escrita assim o é. Tanto faz. O importante é notar que há uma opção (política) explícita no processo de produção da história. Que opção?

Ora, quando falo “bicha” estou tentando traduzir o termo inglês *queer*. Admito que não é uma tradução boa, afinal, a palavra quer dizer “esquisito”, “anormal”, “excêntrico”. Contudo, ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer que o termo é usado no contexto de fala inglesa para estereotipar sujeitos que não se encaixam no modelo heteronormativo. Curiosamente, esses sujeitos *queers* cooptaram o termo para fins de sobrevivência e visibilização (SULLIVAN, 2007, p.37-56). Pensei em tudo isso quando propus a tradução “bicha”: no português essa palavra representa um processo semelhante a esse do *queer*. Então, quando falo em historiografia bicha penso propriamente em historiografia *queer*.

Este ensaio deve, assim sendo, se afastar razoavelmente do que poderiam esperar. Uma historiografia bicha não é simplesmente uma “história das bichas”; é uma escrita da história desafiadora, estranha, indecente. Portanto, as bichas não são objeto de minha reflexão; as bichas são os sujeitos da análise. Não é mero acaso meu uso do *bajubá* (VIP; LIBI, 2006, p.26) como título para cada seção do artigo. Desejo transformar as experiências de uma comunidade esquisita em conhecimento: será, afinal, possível destronar a retórica heteronormativa a partir de corpos que estranhamente não se deixam cooptar? (BUTLER, 1993).

Para que não haja mal-entendidos, quero fornecer, antes de partir para essa proposta de historiografia bicha, dois exemplos de análise que chamei “neutra” e “apologética”. Essa descrição é fundamental para marcar diferenças teórico-metodológicas frente aos textos bíblicos.

ABAFA O CASO!

São comuns estudos históricos centrados em textos bíblicos que tratam especificamente das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Aqui o mito da neutralidade é imperante e, por isso, mascara muito bem a ideologia heterossexual por detrás da pergunta: o que a Bíblia diz sobre homossexualidade? Essa perspectiva parte de uma concepção estanque de passado, ao criar uma disjunção com o presente (STONE, 2001). Por fim, é bem verdade, que uma tal premissa disjuntiva pode ajudar a diferenciar nosso mundo do mundo bíblico. Isso pode ser importante, ao propor um ‘abafamento do caso’. O assunto, a rigor, nem precisaria ser levado adiante, afinal, o que acontece na Bíblia não é o que acontece na contemporaneidade. A própria idéia de “homossexualidade” é uma invenção moderna que, portanto, pode fazer o historiador neutro cair na tentação do anacronismo.

Um caso clássico, sempre estudado na Bíblia Hebraica³, é o de Lv 18,22 e 20,13:

Não coabitará com um macho como se deita como uma mulher: abominação para Javé! (18,22)

E o homem que coabitar com um macho como deita com mulher é uma abominação que fazem os dois; serão punidos com a morte: sangue deles por eles! (20,13)

Os textos são razoavelmente claros. O campo semântico trata, pois, de indicar o sentido. Estamos, pelo visto, em uma situação que acontece na cama. Quanto a isso, é explícito o uso do radical *shkb* “deitar-se”, “coabitar”, bem como seu derivado “leito”, “cama”, “ato de deitar-se”. São, pois, prescrições quanto ao ato sexual (deitado, bem entendido!). Mas quem são os envolvidos aqui?

Ambos os textos falam em *zkr* “macho”. O vocábulo estabelece, melhor do que o uso regular de “homem” (*ysh*) a contraposição ao feminino. Tal oposição fica ainda mais evidente quando se estabelece a comparação com *’shh* “mulher”. Por fim, a situação é classificada como *tv’bh* “abominação”. Esse último termo é um marcador, por excelência, na Bíblia Hebraica: tudo o que está fora do lugar, da norma, do costume, é chamado de “abominação”. Afinal, o que é o anormal nesses textos?

Notem que o problema é mais do que homem fazer sexo com homem. A real questão é um “macho” virar “mulher”! Estamos diante de normas de gênero e de classe ou,

³ Os textos de Gn 19 e Jz 19,15-25 – também usados contra pessoas homossexuais – parecem se referir à falta de hospitalidade dos moradores da cidade. De todo modo, limpar os textos, retirando-lhes o peso homofóbico, não os isenta do principal aspecto a ser desconstruído por uma historiografia bicha: a heteronormatividade. Confira, por exemplo, como as filhas virgens são (ab)usadas nas narrativas. No decorrer do artigo, as traduções bíblicas são do próprio autor que utilizou, para tanto, a edição crítica de ELLIGER; RUDOLPH, 1997.

em outros termos, do ativo e do passivo, do dominador e do dominado. Essa interpretação ganha ainda mais corpo se olharmos, por exemplo, para a legislação da médio-assíria que, lá pelas tantas, reza:

Se um homem se deita com seu vizinho e se provam as acusações contra ele e o declaram culpado, hão de deitar com ele e o transformá-lo em eunuco. (PRITCHARD, 1955, p.181, §20)

Esse caso assírio legalizado revela que a relação sexual entre dois homens não está relacionada com a homossexualidade em si, mas com o ato de violência e humilhação. Estamos mesmo diante de legislações que regulam o status social dos indivíduos. Esse é o entender de um historiador relativamente neutro acerca dos textos de Levítico: o texto não fala de homossexualidade, mas de ações que rompem com a ordem do mundo e as posições pré-definidas dos sujeitos.

Para o texto bíblico e para a legislação assíria a questão é o que acontece quando dois homens se deitam. O parceiro passivo parece perder sua posição de “macho”, ao ser rebaixado junto às mulheres. Daí no texto assírio o homem ativo culpado em ferir a ordem passar a ser um andrógino: o eunuco. Já o texto bíblico aclara ainda mais essa distinção de gênero: um macho não deve ser como uma mulher na cama. Não é mero acaso, pois, a homossexualidade feminina estar silenciada no texto bíblico. O status da mulher já é inferior e, portanto, não haveria aqui um distúrbio explícito da ordem.

Isso nos leva a algumas conclusões razoavelmente neutras, o que poderia abafar o caso. Em primeiro lugar, diria que o mundo do Antigo Oriente, que é também o mundo bíblico, não possuía uma visão da homossexualidade tal como hoje. Mulheres não interessavam e toda a histeria se centrava na potencialidade sexual passiva do homem. A questão real era de status: superior x inferior. Portanto, uma abordagem em termos de honra e vergonha, por exemplo, cabe melhor do que uma avaliação de aceitabilidade ou não da homossexualidade. Essa configuração não seria a mesma de nossos tempos contemporâneos e, assim, poderíamos fechar a Bíblia e deitar com quem quiséssemos em paz.

Ora, se eu inicio com a premissa de que a história parte do presente, como não avaliar aqui a heteronormatividade imperante na interpretação? Essa norma não se baseia exatamente na hierarquização e exclusão de sujeitos? Não é isso que acontece ainda entre os papéis de ativo e passivo, dominador e dominado? Esses resultados são neutros apenas na aparência. Na realidade, eles constroem e são construídos a partir da lógica do

legítimo que, por fim, sai ileso. Fico ainda pensando nos usos desses resultados: gays podem se deliciar, ao verem que seus corpos não são necessariamente abomináveis, afinal, ninguém está violentando o outro ou fazendo-o de mulher. Contudo, ao mesmo tempo, os papéis definidíssimos de dominador e dominado ainda estão presentes em nosso meio e abrem espaço para que múltiplas formas de opressão possam ser reinscritas. O mesmo eu diria do uso dos resultados por um ativista fundamentalista homofóbico. É que especialmente em terras latino-americanas, nosso imaginário não se distancia muito desse ideal de *macho man* (MURRAY, 1995). Ou a bicha não é sempre tratada em termos de feminilidade? Ou a mulher não está lá para servir ao marido?

Toda nossa engenhosidade e erudição acabam por ser, pois, em grande medida, inúteis. É urgente fazer uma avaliação de como nossos resultados informam e são informados por ideologias do presente. Não estaria enganado em afirmar que as pontes entre passado e presente, mais do que desfeitas, são reforçadas e, nesse ínterim, os sujeitos passam a ser posicionados em uma lógica de hierarquia. Não é possível abafar o caso. Mulheres e bichas são classificadas como “inferiores” – digo, no presente e nesse passado parcamente construído. Será que a estratégia apologética é mais satisfatória em seus resultados?

SE JOGA!

As leituras “assumidas” possuem um outro posicionamento frente ao texto. Nada de neutralidade! É preciso “se jogar”, ou seja, divertir-se e desestabilizar o processo interpretativo. O fosso entre passado e presente deixa de existir e o texto bíblico passa a ser fonte de luta e inspiração contra fundamentalismos homofóbicos (MUSSKOPF, 2005, p.92-93). Não há, pois, uma procura incessante de justificativas e contextualizações de textos homofóbicos. É com essa ampliação do ângulo de visão que são redescobertos casos de amor entre pessoas do mesmo sexo, o que certamente desestabiliza a heteronormatividade dos textos e das leituras tradicionais. Vou dar um exemplo:

Angústia para mim sobre vós, companheiro meu Jônatas.
Foste belo para mim.
Extremamente maravilhoso [foi] teu amor para mim,
mais do que amor de mulheres (2Sm 1,26)

O texto faz parte da elegia de Davi a Jônatas. Esse último está morto e, então, Davi produz em sua homenagem uma bela poesia de lamento. Essas duas figuras bíblicas

possuem uma respeitável história de amor. Podemos encontrar essas histórias em 1Samuel. Nesse trecho específico, podemos entrever a proximidade dos dois: Davi diz que Jonatas era belo e que o amor desse último fora 'extremamente maravilhoso para ele'. Mas talvez, o aspecto mais esquisito do texto esteja na comparação de Davi entre o amor de Jonatas e o amor das mulheres. Esse paralelo é óbvio no texto, como atesta exemplarmente o uso da preposição *mn* "mais do que".

Essa relação amorosa entre dois homens no texto bíblico pode ser corroborada em documentos do Antigo Oriente. Penso, particularmente, na tumba de Ne-anckhnum e Khnumhotep construída por volta de 2350 a.C. em Saqarah. Trata-se de uma evidência única de que o homoerotismo existia no mundo egípcio, daí a relativa ausência do tema na documentação escrita (SCHROER; STAUBLI, 2000, p.31-33). Nesse sentido, não entendo porque nossa estratégia historiográfica está sempre na busca de evidências. Será que a ausência, a lacuna, o silêncio não serve, igualmente, como documentação? Os dois homens são retratados juntos, em uma relação íntima, ainda que na tumba esteja inscrita o nome de suas esposas. Ora, porque elas não aparecem nas pinturas da *mastaba*?

Mas talvez as narrativas de amor entre Davi e Jonatas sejam mesmo devedoras da epopéia de Gilgamesh. Motivos sexuais estão presentes na amizade entre Gilgamesh e Enkidu (RÖMER; BONJOUR, 2007, p.98-106). Certo momento do épico, Gilgamesh conta seu sonho erótico com Enkidu:

Minha mãe, eu tive um sonho na noite passada: lá apareceram as estrelas no céu (...) e eu fiquei atraído por ele como por uma mulher (PRITCHARD, 1955, p.76)

Além do mais, há sempre referências a beijos que indicam a formalização de uma aliança. Esse motivo também está presente nas narrativas de Samuel:

Eles beijaram um ao outro e formaram uma amizade (PRITCHARD, 1955, p.79) e se beijaram o homem e seu companheiro... (1Sm 20,40)

A elegia recitada por Davi igualmente possui sua contrapartida nas narrativas de Gilgamesh. Por ocasião da morte de Enkidu, Gilgamesh recita o seguinte lamento:

Enkidu, quem eu amei demais ... agora se foi para o destino da humanidade! Dia e noite eu tenho chorado por ele. Não vou entregá-lo para o enterro (...) desde sua passagem eu não encontrei a vida... (PRITCHARD, 1955, p.89-90)

Ora, todos esses são pequenos sinais de possibilidade de relações sexuais e amorosas entre homens na antiguidade vétero-oriental. De modo criativo é realmente

possível escrever – a despeito das lacunas – histórias silenciadas ou simplesmente ocultas graças à ideologia moralista heterossexual de historiadores do presente. Vejam, então, que rechaçar a relação sexual entre homens por conta da honra e vergonha não é a história por si. É uma visão da história inscrita na documentação e na historiografia. Ou não é verdade que já no III milênio temos inclusive representações imagéticas de penetração anal? (BOTTÉRO; PETSCHOW, 1975, p.460). Essa documentação cá e acolá corrobora a ideia de que o grande silêncio dos documentos atesta melhor, não a inexistência, mas uma não (pré)ocupação com atos homoeróticos na Antiguidade Oriental.

Particularmente, gosto desses resultados. Acredito que é mais frutífera, para a contiguidade do passado com o presente, uma história que ultrapasse os limites impostos por *straight minds*. Isso vale para os historiadores e para os documentos: é preciso que pensemos de modo bicha (*queer*), para produzir algo diferente. Verifico que, em parte, essa abordagem é uma historiografia bicha, contudo, ainda presa na história das bichas. O que eu quero dizer com isso? Há aqui uma novidade na forma de pensar. Entretanto, a pergunta feita à documentação presente&ausente ainda se limita a responder aos anseios assimilacionistas que rezam a cartilha da matriz heterossexual. Por fim, parece-me, toda essa ginástica historiográfica causa não mais que um ligeiro arranhão na heteronormatividade. Dois homens se beijam... aleluia! Dois homens transam... amém! Como não perceber que os beijos e o sexo ainda estão pautados pela norma? Davi compara o amor de Jonatas com o de mulheres. Gilgamesh sonha em transar com Enkidu como se fosse mulher. Ne-anhkhnum e Khnumhotep podem estar enterrados juntos, mas possuem uma vida certinha que não abalava o sistema. Porque devemos ceder espaço ao puro romantismo? O que o romantismo quer esconder? É tudo realmente um arco-íris?

Um amor entre dois homens pode perfeitamente reinscrever a heteronormatividade e suas hierarquias excludentes. Acredito que há um potencial destabilizador nesses resultados. No mínimo, lembramo-nos que a história não é meramente heterossexual. Contudo, o que estou dizendo é que esse resultado é ainda muito frágil e pode facilmente ser cooptado. Essa historiografia apologética é ainda muito azul e rosa. Nesse sentido, será que envernizar a heteronormatividade de rosa é o suficiente para desconstruí-la? Acredito que não. É preciso um passo a mais no presente e, conseqüentemente, na escrita histórica assumida.

Prefiro sair, portanto, da história das bichas e caminhar para uma historiografia bicha. Eu não quero simplesmente achar na história pessoas homossexuais. Esse projeto ainda é pautado por uma cabeça *straight*. Uma cabeça bicha é esquisita e não se deixa

dominar por essas perguntas fáceis que colocam os sujeitos em caixinhas pré-fabricadas. Portanto, rechaço a apologia que, apesar de criativa, acaba retoricamente presa pela demanda que a fez surgir. Pensemos de modo mais bicha: “se jogar” ainda é pouco. O que eu quero mesmo é ter...

FORÇA NO PICUMÃ!

Até aqui percebemos que a heterossexualidade, em sua forma compulsória, é que deve ser desmantelada se visamos a uma abordagem transformadora do presente e de nossa historiografia. A subordinação dos sujeitos em prol da hierarquia do normal no sexo-gênero-sexualidade é o coração do monstro a ser atacado. A homofobia é, nesse ínterim, tão somente uma das cabeças do monstro. A misoginia, por exemplo, é uma outra cabeça. Então, temos que apunhalar o coração que mantém essas cabeças vivas.

Estamos sempre tentando enquadrar as diferenças: homossexuais são invertidos; intersexuais devem passar por cirurgias corretivas; transexuais devem escolher um ou outro gênero. Entretanto, o presente nos dá sinais de esperança. Há uma gama de lutas sociais que persiste em fazer frente ao sistema heteronormativo. Ao assim fazê-lo, acabam por complicá-lo, questioná-lo, explodi-lo. O principal é notar como esses movimentos sociais procuram enfatizar as diferenças e não a similitude amorfa. São esses movimentos do presente que, a meu ver, realmente importam, uma vez que nos desafiam a pensar para além das identidades estanques.

Refiro-me, por exemplo, aos intersex, às travestis, aos bissexuais. Esses sujeitos desafiam a cabeça *straight* porque não se limitam à lógica binária hierárquica e excludente do “ou... ou” (HALL, 2009, p.326-327). Um bissexual não é hetero “ou” homo. São os dois! Então, uma historiografia bicha que visa à desmantelamento da matriz heterossexual deve mudar a lógica do “ou” e passar a trabalhar com “e”. Essa me parece uma boa saída porque mostra, no cotidiano, a ineficácia da propaganda hetero-compulsória. Acredito que esse “e” deveria ser investigado em todas as três instâncias forjadas e ligadas pela heteronormatividade: sexo, gênero e sexualidade. Talvez, na vida contemporânea, isso possa remeter aos exemplos abjetos que citei: intersexuais desnaturalizam a dicotomia no sexo; travestis o fazem no gênero; bissexuais perturbam a ordem da sexualidade. Obviamente, que mais “es” são possíveis, sempre multiplicando o problema para a matriz: o que fazer com uma travesti “e” bissexual ao mesmo tempo, por exemplo?

Ora, nessa altura do campeonato, podem se perguntar: será realmente possível desenvolver uma historiografia bíblica bicha a partir de corpos com “e”? Particularmente, apostaria no potencial da figura do “eunuco” dentro da Bíblia Hebraica.

No senso comum, “eunuco” é o homem que não possui um pênis. Esse é mesmo um primeiro aspecto que, entretanto, deve ser complexificado. Ao tratar assim a questão, pode-se ter a falsa impressão de que os eunucos não poderiam praticar atos sexuais. Isso não é o que as narrativas nos impõem. Se pensarmos em Potifar, por exemplo, é preciso ressignificar o termo eunuco. Esse homem era um *srys* do Faraó e, mesmo assim, era casado com uma mulher (Gn 39,7). Vê-se, portanto, que não estou mesmo propondo uma história da homossexualidade, afinal, um eunuco não é necessariamente um homossexual.

O fato de um eunuco ser casado no texto bíblico corrobora os resultados de pesquisas históricas recentes: “eunuco” implica, sobretudo, na falta de condição de procriação e não na ausência do ato sexual (RINGROSE, 2007). Se assim for, o eunuco não pode ou opta por não procriar. Quero chamar a atenção aqui para essa importância desestabilizadora do eunuco que burla nossa pobre imaginação heteronormativa.

É notório perceber, por exemplo, a invisibilidade desses corpos nas escritas sobre o Antigo Israel. Por vezes, as próprias traduções bíblicas tentam mascarar sua existência ao propor simplesmente “oficial” para *srys*. É preciso que comecemos a desfazer o novelo. Há, em todo o Antigo Oriente, documentos que cá e acolá problematizam nossas aspirações pela universalidade heterossexual. A Bíblia é apenas a ponta do iceberg.

Efetivamente, já na antiga Suméria, o mito da criação por Enki e Ninmah abre espaço para “seres diferentes”. Chamo a atenção para a sexta criação que, por fim, tem atrelada à sua formação genitália uma função social:

Em sexto, ela formou um [ser-humano] nem com pênis nem com vagina em seu corpo. Enki olhou para este sem pênis nem vagina em seu corpo e lhe deu o nome de Nibru [eunuco?] e decretou como seu destino estar diante do rei. (The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature)

Também na literatura mesopotâmica cuneiforme possuímos as valiosas informações do Shumma Izbu ou, em português, “se uma irregularidade”. São textos de presságios que, na verdade, tratam de descrever, em estilo casuístico, diversos tipos de formações genitálias. Cito alguns casos (SCURLOCK; ANDERSEN, 2005, p.404-405):

Se uma mulher dá à luz e (a criança) não tem um pênis... (Shumma Izbu III 68)
Se uma mulher dá à luz e (a criança) não tem um pênis ou testículos... (Shumma Izbu III 69)

Se uma mulher dá à luz e (a criança) tem um pênis e uma vulva... (Shumma Izbu III 70)

O texto bíblico nos deixa entrever essas múltiplas possibilidades corporais na figura do eunuco. Lá está ele 45 vezes na Bíblia Hebraica! E porque tão poucos historiadores se metem a visibilizá-los? Como não perceber a função fundamental do eunuco em estabelecer pontes no mundo sócio-religioso? Essa função remete ao seu próprio corpo marcado como ponte ou um “e” entre o que deveria ser homem-mulher. Um olhar esquisito aos textos bíblicos nos surpreenderá: o mundo antigo, ainda que primasse à reprodução, soube reconhecer a importância dos sujeitos que optavam ou não podiam cumprir essa tarefa. Ou será mero acaso eunucos estarem sempre mediando reis, profetas, homens e mulheres? (1Rs 22,9; 2Rs 8,6; 9,32. 18,17. 23,11; livro de Ester; Jeremias é salvo por eunuco: Jr 38,7!).

Não quero ser ingênuo ou apologético nessa tarefa. Muito menos neutro. Percebam, antes de tudo, que minha pergunta não é o que a Bíblia diz sobre homossexualidade. Minha pergunta é: como dismantelar a matriz heterossexual desde a experiência “abjeta” do passado e do presente? Sei muito bem que esses sujeitos esquisitos podem ser usados exatamente para legitimar a matriz. Aquela história da exceção que confirma a regra. Mas quero citar esses exemplos de modo contrário: a exceção derruba a regra!

Esses textos vétero-orientais são exemplos concretos que perturbam o que temos de mais sagrado em nossa cabeça formatada: a dicotomia “natural” do sexo (homem-mulher). Desejei tratar desses textos propositalmente, afinal, derrubar essa fronteira básica do sexo abre portas para todas as demais desconstruções de gênero e sexualidade. Como se vê, a homossexualidade é apenas uma das formas de irritar a heteronormatividade. Não precisamos nos restringir, pois, a questão domesticada dos homossexuais na história. Eu proponho algo a mais para vocês: uma historiografia bicha, uma escrita da história sensível à urgente tarefa do presente em construir um mundo sem fáceis polarizações hierárquicas. Vocês podem fazer historiografias diferentes, chamá-las de modo diferente. Não tenho problema com isso. O importante é que sejamos como o ogro da lenda. Ainda com Marc Bloch, eu digo: ‘onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça’ (2001, p.54). Porque não continuar caçando mais e mais carnes humanas esquisitas, resistentes e desafiadoras às normatividades? Eis meu convite a todos e todas!

DOCUMENTAÇÃO

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (editores). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

PRITCHARD, James (organizador). *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1955.

SCURLOCK, JoAnn; ANDERSEN, Burton (organizadores). *Diagnoses in Assyrian and Babylonian Medicine – Ancient Sources, Translations and Modern Medical Analyses*. Urbana: University of Illinois, 2005.

The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature. Disponível em <http://www-etcsl.orient.ox.ac.uk>; acessado em 14/09/2011.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOTTÉRO, Jean; PETSCHOW, H. Homosexualität. In: EDZARD, Dietz Otto (editor). *Reallexikon der Assyriologie und Vorderasiatischen Archäologie*. Berlim: Walter de Gruyter, 1975, v.4, p.459-468.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter – On the Discursive Limits of “Sex”*. Londres: Routledge, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

_____. On the Genealogy of Ethics – An Overview of Work in Progress. In: RABINOW, Paul (editor). *Ethics – Subjectivity and Truth, The Essential Works of Michel Foucault 1954-1984*. Nova York: The New York Press, 1997, vol.1, p.253-280.

HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

MURRAY, Stephen. Machismo, Male Homosexuality, and Latino Culture. In: MURRAY, Stephen (organizador). *Latin American Male Homosexualities*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995, p.49-70.

MUSSKOPF, André. *Uma brecha no armário – propostas para uma Teologia Gay*. São Leopoldo: Cebi, 2005.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, v.5, n.4, 1980, p.631-660.

RINGROSE, Kathryn. Eunuchs in Historical Perspective. *History Compass*, v.5, n.2, 2007, p.495-506.

RÖMER, Thomas; BONJOUR, Louise. *L'omosessualità nella Bibbia e nell'Antico Vicino Oriente*. Torino: Claudiana, 2007.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. Saul, David and Jonathan – The Story of a Triangle? A Contribution to the Issue of Homosexuality in the First Testament. In: BRENNER, Athalya (organizadora). *A Feminist Companion to the Bible – Samuel and Kings*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p.22-36.

STONE, Ken. Homosexuality and the Bible or Queer Reading? A Response to Martti Nissinen. *Theology and Sexuality*, v.14, 2001, p.107-118.

SULLIVAN, Nikki. *A Critical Introduction to Queer Theory*. Nova York: N.Y. University Press, 2007.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia – a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.